

INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

*William das Neves Salles, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC,
Florianópolis, Santa Catarina – Brasil*

*Dorival Araújo, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa
Catarina – Brasil*

*Luciano Lazzaris Fernandes, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC,
Florianópolis, Santa Catarina – Brasil*

RESUMO

O objetivo do estudo é investigar como professores de Educação Física escolar percebem a inclusão de alunos com deficiência e quais estratégias utilizam para promover esta inserção em suas aulas. Conduziram-se entrevistas semiestruturadas com três professores de Educação Física pertencentes a escolas públicas de Florianópolis. De maneira geral, foi ressaltado que a sociedade e a própria instituição escolar têm refletido atitudes positivas em relação à inclusão, mas ainda há carência de políticas públicas mais efetivas para sua efetivação nas escolas, bem como necessidade de auxílio de profissionais de outras áreas e promoção mais frequente de atividades de formação continuada. Em relação às estratégias utilizadas para promover a participação, relacionamento interpessoal e/ou inclusão de todos os alunos nas aulas, os professores revelaram utilizar muita conversa, além de promoverem adaptações nas atividades, com o intuito de que todos consigam participar, se relacionar e aprender. Para aprofundar a compreensão sobre o processo de inclusão em aulas de Educação Física, é necessário realizar estudos com mais professores, que estejam em diferentes etapas de sua carreira profissional, atuando em diferentes níveis de ensino, tanto em instituições públicas quanto privadas.

Palavras-Chave: Inclusão; Educação física; Aluno; Escola.

INCLUSION OF STUDENTS WITH DISABILITIES IN SCHOOL: PERCEPTION OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS

ABSTRACT

The aim of the study is to investigate how physical education teachers perceive the school inclusion of students with disabilities and which strategies they use to promote this integration in their classes. We conducted semi-structured interviews with three physical education teachers belonging to public schools of Florianópolis. Overall, it was emphasized that both the society and the academic institution have reflected positive attitudes towards inclusion, but there is still lack of more effective public policies for its effectiveness in schools, as well as need for the help from professionals from other areas, and a most frequent promotion of continuing education activities. Regarding the strategies used to promote participation, interpersonal relationships and / or inclusion of

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 4, p. 1-21, out./dez. 2015.
ISSN: 1983-9030.

all students in classes, teachers revealed to use a lot of talk, and promote adaptations in activities, with the intention that everyone can participate, relate, and learn. To deepen understand the process of inclusion in physical education classes, it is necessary to conduct studies with more teachers who are at different stages of their career, working at different levels of education, in both public and private institutions.

Key-Words: Inclusion; Physical education; Student; School.

INCLUSIÓN DE ALUMNOS CON DISCAPACIDAD EN LA ESCUELA: PERCEPCIÓN DE PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA

RESÚMEN

El objetivo del estudio es investigar cómo los profesores de educación física de la escuela perciben la inclusión de los alumnos con discapacidades y qué estrategias utilizan para promover esta integración en sus clases. Fueron conducidas entrevistas semi-estructuradas con tres profesores de educación física pertenecientes a escuelas públicas de Florianópolis. En general, se ha indicado que la sociedad y que la institución académica en sí han reflejado las actitudes positivas hacia la inclusión, todavía hay falta de políticas públicas más eficaces para su eficacia en las escuelas, así como la necesidad de ayuda de profesionales de otras áreas y la promoción más frecuente de actividades de educación continua. En respecto de las estrategias utilizadas para promover la participación, relación interpersonal y / o inclusión de todos los alumnos en las clases, los maestros revelaran utilizar mucha conversación, además de promover adaptaciones en las actividades, con la intención de que todos puedan participar, relacionarse y aprender. Para profundizar la comprensión del proceso de inclusión en clases de educación física, es necesario realizar estudios con mayor número de docentes que se encuentran en diferentes etapas de su carrera, trabajando en diferentes niveles de la educación, tanto en instituciones públicas como privadas.

Palabras-Clave: Inclusión; Educación física; Alumno; Escuela.

INTRODUÇÃO

O espaço escolar, por excelência, é local de concepção, realização e avaliação educativa e necessita organizar os saberes culturais com base no vislumbre da formação de cidadãos críticos, reflexivos e dotados de bons valores morais.¹ Uma das principais funções da escola é desenvolver o pensamento reflexivo na comunidade escolar, auxiliando-a na construção e na ressignificação da cultura e da realidade com base em princípios éticos e em valores como solidariedade, respeito às diferenças, honestidade e responsabilidade.²

Por meio de suas práticas pedagógicas, a escola primeiramente necessita reconhecer o currículo enquanto prática social, histórica e culturalmente contextualizada. Neste sentido, urge superar arbitrariedade cultural imposta pela ideologia dominante, que parece desconsiderar a multiplicidade de saberes e a individualidade dos sujeitos em desenvolvimento em prol de visões universais e homogeneizadoras de homem, cultura e sociedade.³

De acordo com a LDBEN, compete à escola e aos profissionais de educação preparar-se para receber e educar as pessoas com necessidades educacionais especiais. Para tanto, o sistema de ensino precisa dar condições às instituições escolares que sejam condizentes com uma proposta de inclusão educacional de sucesso. Na perspectiva de educação inclusiva, não se espera mais que a pessoa com NEE se integre por si mesma, mas sim que o contexto se transforme para possibilitar sua inserção. Entretanto, para que isto aconteça é necessário adequar/transformar pensando nas particularidades de cada sujeito.

A Educação Física ocupa papel de destaque no que tange às oportunidades de se conhecer a cultura corporal, de possibilitar o compartilhamento de saberes e de zelar pela apropriação efetiva desses conhecimentos por todos os alunos. Graças à possibilidade de se tematizar atividades como jogos, esportes, danças, lutas e ginástica, que são formas da cultura corporal nascidas de necessidades sociais concretas,⁴ compreende-se que a disciplina tem papel fundamental no processo inclusivo devido ao

seu potencial para promover experiências e atitudes positivas em relação à prática dessas manifestações da cultura corporal de movimento.⁵⁻⁶

Assim, no intuito de aprofundar a compreensão acerca do processo de inclusão de alunos com deficiência que tem ocorrido nas aulas de Educação Física escolar, o presente estudo se propõe a investigar a percepção de professores de Educação Física Escolar acerca da inclusão de alunos com deficiência, bem como identificar as estratégias que utilizam para promovê-la em suas aulas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo classifica-se como qualitativo, descritivo e aplicado.⁷⁻⁸ Para a seleção dos professores de Educação Física participantes, optou-se por considerar apenas escolas públicas de ensino regular de Florianópolis que oferecessem Ensino Fundamental e possuíssem vínculo de estágio com o curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para serem incluídos no estudo, os professores deveriam estar atuando regularmente em sala de aula no momento da coleta de dados, bem como possuir experiências (passadas e/ou presentes) de atuação com alunos com deficiência no ambiente escolar. Não participaram do estudo professores com exercício de cargos administrativos na escola, bem como aqueles que retornaram parecer desfavorável após leitura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, foram excluídos do estudo os docentes sem experiência de trabalho com alunos com deficiência em aulas de Educação Física escolar.

Com base nestes critérios, foram selecionados três docentes (atuantes em escolas diferentes), cujos perfis são descritos a seguir:

Professor A: Professor de Educação Física com 43 anos de idade e 15 anos de atuação no magistério público estadual de Santa Catarina. Gradou-se em Educação Física em uma universidade pública da cidade de Florianópolis (SC) no ano de 1996, quando tinha 25 anos de idade. Realizou, no ano de 2000, o curso de especialização em Educação Física Escolar “Cotidiano Escola”, também em instituição pública. Além da especialização, participou de alguns cursos de formação para atuação com alunos com

deficiência, especialmente entre os anos 1999 e 2004. Efetivou-se no magistério público estadual no ano de 1999, após aprovação em concurso público. Trabalhou por 15 anos em outras escolas e atua há dois anos na atual escola, ministrando aulas a turmas do Ensino Fundamental.

Professor B: Professor de Educação Física com 46 anos de idade e 20 anos de atuação no magistério público estadual de Santa Catarina. Graduou-se em Educação Física em uma universidade particular da cidade de Criciúma (SC) no ano de 1992, com 24 anos de idade. Possui especialização em Gestão Escolar (cuja data não foi informada) e em 2013, participou de um curso intensivo sobre Educação Física adaptada. Efetivou-se no magistério público estadual no ano de 1994, após aprovação em concurso público. Trabalhou durante 12 anos em outras escolas e atua há oito anos na atual escola, ministrando aulas para turmas do Ensino Fundamental.

Professor C: Professor de Educação Física com 44 anos de idade e 25 anos de atuação no magistério público estadual de Santa Catarina. Graduou-se em Educação Física em uma universidade pública da cidade de Santa Maria (RS) no ano de 1989, com 20 anos de idade. Possui especialização em “Educação Física escolar” e realizou, ao longo da carreira, alguns cursos de curta duração que abordavam aspectos relacionados à deficiência e inclusão no ambiente escolar. Efetivou-se no magistério público estadual no ano de 1989, após aprovação em concurso público. Trabalhou cinco anos em outras escolas e atua há 20 anos na atual escola, ministrando aulas para turmas do Ensino Fundamental.

A coleta de dados foi realizada por intermédio de entrevistas semiestruturadas. O roteiro de entrevista organizou-se de maneira a reunir informações que possibilitassem conhecer as percepções dos professores investigados sobre o processo de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade e no sistema regular de ensino, bem como investigar as estratégias por eles utilizadas para promover a participação e o relacionamento interpessoal de alunos com deficiência em suas aulas.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, gravadas e transcritas na íntegra para facilitar o processo de análise dos dados. As entrevistas os professores de Educação Física ocorreram em um único encontro e tiveram duração aproximada de 30 minutos

cada. As informações obtidas foram analisadas e categorizadas com auxílio da técnica de análise de conteúdo.⁹

RESULTADOS

Considerando os objetivos do presente estudo, os resultados foram organizados de maneira a identificar a percepção dos professores de Educação Física investigados sobre o processo de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade e no sistema regular de ensino, bem como as estratégias didáticas por eles utilizadas para promover a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas.

INCLUSÃO DA PESSOA/CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA NA SOCIEDADE E NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO

Os professores de Educação Física investigados mencionaram que o processo de inclusão social na sociedade é importante e vem evoluindo, mas que ainda precisa melhorar muito em alguns aspectos.

“A inclusão é um débito com essas pessoas que um dia foram muito excluídas e segregadas pela sociedade. Um avanço de consciência, busca igualdade e convívio com a diferença, um processo válido, mas que há muitas lacunas ainda, muitas coisas ainda precisam ser melhoradas”. “Não tenho dados de quantos anos começou a fazer parte do ensino regular [...]. Acho que as pessoas ligadas à educação foram tendo consciência disso, tanto que está crescendo. Acho válida a inclusão de alunos com deficiência na rede regular de ensino e aqui na nossa escola. O que eu tive de experiência em outras unidades, sempre foram positivas. A escola está aberta (à inclusão escolar), algumas possuem apoio de salas multimeios”. (Professor A)

“É muito importante o convívio das pessoas deficientes com as outras pessoas, assim, todas evoluem, não só as deficientes, mas também as pessoas ditas ‘normais’. Conviver com as diferenças, melhorou bastante, é um percurso lento, e tem muito ainda o que melhorar. Vejo a inclusão de uma forma positiva, os alunos com deficiência estarem na escola junto com os outros, mas infelizmente a gente sabe que é um processo muito lento e a gente acaba pensando até conseguir uma estrutura adequada para atender esse aluno com qualidade”. (Professor C)

Um dos docentes, entretanto, destaca que a inclusão ainda precisa ser mais efetiva para possibilitar a aprendizagem significativa de crianças com deficiência.

“Houve uma evolução bem grande, mas ainda falta crescer bastante, falta muito ainda. Inclusão eu coloco um ponto de interrogação, no sentido de inclusão mesmo de fato, porque eles estão aqui dentro, eles se socializam com os colegas, agora em termos de aprendizagem, eu tenho as minhas dúvidas, contudo, a escola recebe e está aberta à inclusão”. (Professor B)

Na opinião dos professores investigados, o processo inclusivo tem evoluído com o passar dos anos – embora isso esteja ocorrendo de maneira relativamente lenta. Neste sentido, há a crença de que instituição escolar também vem mudando e evoluindo em termos de inclusão, no sentido de oferecer as condições necessárias a este processo.

“A gente pode falar das mudanças físicas, antigamente as escolas não tinham rampas, os banheiros não eram adaptados, coisinhas que para nós parecem simples e óbvia, mas que pra um cadeirante, um cego, uma pessoa com uma dificuldade maior, maior, faz diferença. As escolas estão se adaptando a isso, a estrutura física”. (Professor A)

“Vejo mudanças ao longo desses anos, porque antes eles (os alunos com deficiência) não estavam incluídos”. (Professor B)

“Percebo que, ao aparecer a inclusão, têm acontecido mudanças nas escolas. No começo, tinha certa resistência porque a gente sabe que tudo é muito lento. Colocam a criança dentro da escola e depois que vão ver a estrutura que tem por trás”. (Professor C)

Em relação à existência de políticas públicas para promover a inclusão, os informantes disseram que percebem algumas iniciativas governamentais neste sentido, especialmente no que se refere à disponibilização de recursos para a construção e/ou reforma dos espaços físicos, de maneira que os mesmos sejam adequados às necessidades de alunos com deficiência. Entretanto, a exemplo do que foi dito a respeito do processo inclusivo, acredita-se que tais iniciativas governamentais têm sido implementadas de forma lenta, indicando que ainda há muito que ser feito.

“Essas políticas vêm partindo do espaço físico das escolas [...] através de salas de multimeios que têm grande importância dentro das escolas, os profissionais são bem orientados, orientam, dão apoio, tanto de materiais, e até de ideias mesmo, de como planejar a aula [...]. Então, na rede municipal, acho que as políticas públicas em relação à inclusão vêm sendo positivas. Sempre ressaltando que tem muito a fazer sim, mas estamos caminhando em busca disto, desta qualidade maior”. (Professor A)

“Políticas públicas têm, a lei existe, acredito que tem. Agora, adequadamente, como deveria ser, eu ainda acho que tá caminhando, ainda tem longo caminho pela frente, mas já obtivemos muita graça... mas ainda precisa caminhar bastante”. (Professor B)

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 4, p. 1-21, out./dez. 2015.
ISSN: 1983-9030.

“As políticas públicas avançaram, não dá para dizer que não. Por exemplo, agora a gente recebeu verba do governo federal, já há dois anos para adaptar os banheiros. Mas assim... a coisa vem, mas fora do tempo, muito lenta. As políticas públicas estão avançando, mas de forma bem lenta, ainda tem uns entraves, mas que avançou, sim, com certeza”. (Professor C)

Além das políticas públicas, os informantes destacaram a importância da realização de cursos de formação continuada, bem como mencionaram que a participação de profissionais de outras áreas é importante e pode contribuir no processo inclusivo de alunos com deficiência no sistema regular de ensino, pois sua presença auxilia na orientação dos professores em caso de dificuldades e sobrecarga de tarefas.

“Cabe ao profissional também ir à busca, não dá para cruzar os braços e se apoiar naquela questão de pensar assim: ‘nossa, agora eu estou com aquele aluno com Síndrome de Down na sala e não sei o que fazer’”. (Professor A)

“Médicos, fisioterapeutas e outros, vêm a somar. Às vezes, o professor em sala de aula tem que ensinar, ele tem que ser psicólogo, ele tem que escutar. [...]. Esse aluno tem que ter alguém que possa orientar ele também, então eu acho que este tipo de profissionais dentro de uma escola seria muito importante. [...] Principalmente um psicólogo, porque as nossas crianças estão vindo com muitos problemas, alguns precisariam de psicólogos, trabalhar a questão de bullying também, mas isto, hoje em dia já é mais trabalhado”. (Professor B)

“Acho que ainda tem uma carência grande de formação para a gente que recebe os alunos na escola [...]. Eu acho na verdade, principalmente, psicólogo, é uma necessidade que tem na escola, independente de ter aluno com deficiência na escola [...]. Então, é muito importante a participação de profissionais de outras áreas, quanto mais conhecimento a gente tenha a respeito, a gente tenha alguém que possa estar auxiliando, é importante sim, essa ajuda [...], é sempre bem-vinda a ajuda desses profissionais”. (Professor C)

Quando questionados sobre sua percepção acerca da ocorrência de inclusão de alunos com deficiência na escola em que lecionam, os professores de Educação Física indicaram que há inclusão e que a escola está aberta a este processo. Um dos professores destacou, porém, que ainda são encontradas dificuldades no que se refere ao comparecimento regular do aluno com deficiência nas aulas, ao passo que outro indicou necessidade de da presença de um professor auxiliar para que isso se concretize com maior efetividade.

“Eu tenho um aluno autista no terceiro ano. Porém, por conta da medicação que a mãe está trocando, ele veio em apenas duas aulas [...]. Ele está com esse problema de

regularidade. Então, eu não posso falar muito [...]. Então, aqui nesta escola, percebo que há inclusão desses alunos com deficiência, até mesmo desse aluno que não tem regularidade, percebo que ele está inserido na escola. A minha dificuldade é que ele não está frequentando a escola com regularidade”. (Professor A)

“Talvez, como eu já estou tão acostumada com isso, para mim são incluídos normalmente os que eu vejo. Tem três com algum tipo de dificuldade, acho que DM (deficiência mental) leve, que tem segundo professor que acompanham eles. Nas minhas aulas, os que fazem parte da turma têm que se socializar, participar igual a todos os outros”. (Professor B)

“A gente até faz um trabalho com os professores no sentido que o segundo professor não é exclusivo daquele aluno, porque senão já fica também aquela marca ‘aquele lá é aluno que é o deficiente da sala’, e que o segundo professor auxilie também no todo da sala [...]. Eu acho que há inserção, mas assim, é um trabalho pouco lento, porque às vezes, principalmente, na minha área de Educação Física, depende de algumas habilidades e tal, e às vezes aquele aluno que tem um pouco mais de dificuldades, já é taxado, mas assim, eu acho que o corpo da escola está aberto, a gente está sempre tentando incluir esse aluno [...]. (Professor C)

ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES PARA PROMOVER A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM SUAS AULAS

Os três professores investigados indicaram que os alunos com deficiência participam das aulas de Educação Física, seja normalmente ou com determinadas restrições. Um professor reconheceu que existem alguns problemas de relacionamento entre crianças com e sem deficiência – apontando, ao mesmo tempo, que as novas gerações de crianças sem deficiência têm se adaptado mais facilmente a este processo de aceitar e respeitar seus colegas com deficiência. Uma professora disse, ainda, que às vezes a maior dificuldade está relacionada ao próprio aluno com deficiência, que tem algumas reações que o afasta dos demais, pois pode não ter apreço por contato físico ou carinho.

“Vejo que o aluno com deficiência participa do jeito dele, conforme o que as condições dele permitem fazer. Eu vejo que essa nova geração já não tem mais aquele olhar preconceituoso, se vê respeito, mesmo porque a gente está sempre conversando com todos”. (Professor A)

“O aluno que tenho, que tem um pouco de deficiência, é tratado normal como todos os outros, ele joga futebol como todos os outros, ele participa normalmente, pois a turma que ele está já está habituada a ele, já acompanha ele de séries anteriores, ele já está inserido dentro do contexto deles [...]. Percebo que eles se relacionam bem, o que

participa, eles estão tão acostumados com ele, que para ele e a turma é normal”. (Professor B)

“Os alunos que eu atendo, o problema maior é que eles se dispersam com muita facilidade pela própria condição deles de DM leve, então, assim, eu tento buscar, fazer ele participar [...]. O que eu percebo é que eles (crianças sem deficiência) às vezes reclamam um pouco e pedem para que o aluno pare de fazer determinada coisa que eles não gostam e eles, às vezes, geram um conflito. Mas, na maioria das vezes, eu sinto que existe um carinho entre eles, eles não têm muita dificuldade de acolher o aluno, eu acho que às vezes a dificuldade é um pouco mais do próprio aluno com deficiência porque ele tem algumas reações que afasta, e às vezes não gosta tanto de carinho. Os alunos que tenho conseguem se adaptar e entrar num acordo. Existe um pouco sim de conflito, mas num todo, eles conseguem se relacionar”. (Professor C)

No desenvolvimento das aulas os três professores investigados indicaram que propõem adaptações sempre que necessário ao trabalhar com alunos com deficiência. A conversa com a turma foi apontada por dois professores como sendo uma estratégia que facilita a organização das atividades. Um dos professores utiliza o mesmo planejamento para toda a turma, pois conta com a ajuda de um professor auxiliar. Em geral, a organização das aulas busca sempre desenvolver a participação conjunta e a valorização das diferenças.

“No 7º ano eu tinha um aluno cadeirante, e a turma recebia muito bem. Porém, logo no início do trabalho, conversei com a turma, como que nós vamos trabalhar com a criança, que atividades que ela pode estar participando e não só assistindo... Aí, fui provocando eles, dizendo: ‘Vocês gostariam de estar lá momentaneamente, temporariamente impossibilitados de alguma atividade, de estar só assistindo?’ , sempre traçando esse paralelo, puxando eles para esta realidade. E aí nós combinamos, acordamos que a cada 15 dias ou uma vez por semana, nós faríamos atividade inclusiva para a criança. Então, nesses dias tinha algum tipo de adaptação na atividade [...]. Então, quando tenho aluno com alguma necessidade, uso muito o conversar com todos a respeito, buscando sensibilizar, propor atividades com algum tipo de reflexão, para que todos consigam participar de alguma forma”. (Professor A)

“Geralmente, o aluno que tenho participa normalmente e os outros dois são dispensados pelo médico [...]. Então, no momento, não há certa necessidade de desenvolver um plano adaptado ou com modificação específica”. (Professor B)

“Eu uso o mesmo planejamento, mesmo plano de aula para todos [...]. É claro que se eu vejo que ele tem dificuldade naquela atividade que eu propus, eu tento minimizar a dificuldade, mas eu não mudo totalmente o plano de aula, para que eles percebam e se valorizem da igualdade de todos na aula, mas procuro tentar adaptar a atividade [...]. Faço, às vezes, alguma flexibilização, modificação para possibilitar o trabalho do aluno junto com a turma no todo, sem desprezar o aprendizado dos outros e, também, conto com a 2ª professora para me ajudar nesse sentido, para que ele consiga entender também o que está acontecendo na aula [...]. Eu tenho um aluno meu que eu trabalho

com o 3º ano que ele é DM leve e ele tem muito essa coisa de agredir um pouco, então as meninas às vezes não querem brincar com ele. Então, eu procuro conversar com a turma e com o aluno que também está fazendo e, então, a gente tenta chegar num acordo, mas acontecem esses momentos”. (Professor C)

Em relação ao uso de materiais alternativos para promover a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas, somente um dos professores investigados mencionou fazê-lo (sempre quando há necessidade), pois isso ajuda a promover a aprendizagem. Ambas as professoras de Educação Física não utilizam materiais especiais (ou seja, o mesmo material da aula é utilizado por todas as crianças) porque não percebem essa necessidade.

“Aqui, eu trabalho bastante dentro do planejamento anual com atividades que extrapolem um pouco o nosso universo da quadra, pois tudo que ajuda melhor as aulas, o aprendizado, eu tento colocar na aula. Já utilizei o ano passado até com auxílio dos estagiários a fita de “Slackline”, tecidos nas árvores para fazer balanço, malabares.... Mas, sempre quando há necessidade, utilizo materiais alternativos daqui da própria escola [...]. Bom, aqui nós fizemos corrida de cadeira e então nós tiramos o aluno que é cadeirante, deficiente físico, da cadeira, e ele ficou em outra posição, alguém carregava ele e, aí, ele ria porque via os colegas sentados na cadeira dele. Assim, esse tipo talvez mais sutil, que as vezes a gente pensa bem simples, tem um efeito maior, que a gente não consegue mensurar. Contudo, acho que materiais alternativos nas aulas são bem vindos [...]”. (Professor A)

“Não, não utilizo, ainda não tive necessidade de tal demanda. Uso mesmo materiais que tenho na escola”. (Professor B)

“Então, como eu não tenho aluno com deficiência motora, nem tipo cadeirante, coisa assim, os meus alunos que eu tenho, eles utilizam os mesmos materiais que a gente. Não utilizo nenhum material específico para trabalhar com aquela criança. Utilizam os mesmos materiais que é da Educação Física. Se é bola, eles trabalham com bola, se é corda, eles trabalham com corda, o mesmo material da aula que é para todo mundo”. (Professor C)

No que concerne à utilização de estratégias para a promoção do relacionamento interpessoal entre os alunos com e sem deficiência nas aulas, os professores de Educação Física investigados também utilizam muita conversa com a turma, cujo objetivo é promover conscientização, respeito e igualdade entre todos, de forma que todos participem das aulas normalmente. Entretanto, nenhum professor referenciou ou exemplificou atividades que podem ser realizadas para facilitar este processo.

“Posso dizer que uso conversa, de maneira a solicitar que haja relacionamento esperado entre eles [...]. Então, eu faço muito diálogo, muita roda de conversa, seja por qualquer tipo de problema ou palavrão ou tirada preconceituosa, sentamos e vamos conversando [...]. Procuo sempre explicar, mostrando a eles que todos conseguem aprender, e que na escola são todos iguais, mas diferentes ao mesmo tempo [...]. Eu já tive alunos assim, que eram um pouco agressivos. Esses alunos tinham deficiência, então no começo existe receio dos outros, principalmente das meninas. Assim, eu procurava e procuro conversar, explicar a todos e ao aluno sobre respeito e fazer com que todos participem da aula por igual”. (Professor A)

“Quando eu tinha uma aluna surda, na aula nem podia falar, tinha que ser tudo através de gestos, e conversava com os alunos para que eles se colocassem no lugar dela para ver como seria. Aí tentava assim, com conversa. Foi bem legal. E com a vivência, os colegas tentavam fazer alguns tipos de gestos, e acabavam aprendendo. E então, é conversar, explicar, igualar, fazer entendimento que todos têm o direito de estar ali e participar e aprender a se respeitar”. (Professor B)

“É sempre conversa com a turma, conversar com eles e de repente até conversar com a turma em separado quando esse aluno não vem, para que eles entendam um pouco a situação desse aluno, que este aluno também está estudando, que tem direito igual a eles e que a gente tem que ter um olhar um pouco diferenciado pra ele”. (Professor C)

DISCUSSÃO

O presente estudo procurou investigar como professores de Educação Física escolar percebem a inclusão de alunos com deficiência e quais estratégias utilizam para promover esta inserção em suas aulas. Considerando seu caráter descritivo-exploratório, acredita-se que a principal limitação esteja relacionada ao reduzido número de participantes, visto que somente três professores de Educação Física escolar participaram da coleta de dados. Além disso, não houve preocupação em selecionar professores com distintos níveis de experiência profissional, o que poderia subsidiar discussões profícuas sobre o papel desta variável sobre as percepções e estratégias individuais relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem para alunos com deficiência.

Os docentes investigados afirmaram reconhecer que o processo de inclusão vem ocorrendo tanto na sociedade em geral quanto no sistema regular de ensino, especificamente. No âmbito escolar, a inclusão de alunos com déficits de toda ordem implica em garantir o princípio democrático da educação para todos os alunos, não apenas a alguns deles (os alunos com deficiência), o que pode auxiliar em sua inclusão

efetiva na comunidade escolar.¹⁰⁻¹³ Além disso, a inclusão não deve implicar em um ensino individualizado para alunos com algum tipo de necessidade especial, ou seja, não há a necessidade de segregar os atendimentos, tanto dentro quanto fora das salas de aula.¹⁴

Os professores investigados pelo presente estudo destacaram a importância que as políticas públicas exercem sobre a qualidade da educação adaptada, além de enfatizarem a necessidade da contratação de profissionais de outras áreas para auxiliar nesse processo. Os cursos de formação continuada, realizados por iniciativa própria ou com apoio governamental, também são cruciais para fomentar o espírito crítico e reflexivo, bem como o desenvolvimento de competências específicas para atuação com alunos com deficiência.

A demora na efetivação de determinadas modificações no sistema regular de ensino, de modo a bem atender aos alunos com deficiência, encontra correspondência na literatura consultada, a qual indica que ainda existe um longo caminho a ser percorrido e preconceitos a quebrar – seja na escola, no sistema educacional ou mesmo na sociedade.¹⁵⁻¹⁶

Para que o processo inclusivo seja efetivado, os professores necessitam de apoio do governo, referente ao oferecimento de cursos de reciclagem; auxílio técnico pedagógico especializado; estrutura adaptada do espaço físico; e material didático adequado.^{11,17-18} Além disso, a inclusão escolar precisa passar por reflexões e debates, com intuito de promover este processo de maneira responsável e competente. Embora se reconheça que a escola seja um espaço privilegiado para convívio com a diferença, o processo inclusivo não acontece de forma rápida e automática, pois é um desafio a ser enfrentado em médio e longo prazo.¹⁹

Os sistemas de ensino precisam equipar as instituições escolares e oferecer condições para que os professores e outros profissionais se preparem adequadamente para o processo de inclusão de alunos com deficiência. Outra estratégia interessante é o estímulo ao surgimento de parcerias da escola com universidades e entidades não governamentais que possam disponibilizar consultores, especialistas e estagiários para auxiliar o professor em seu trabalho com o aluno com deficiência.¹³

O mais recente Plano Nacional de Educação, que trata das diretrizes e metas para a educação brasileira para o decênio 2011-2020, prevê assegurar no projeto pedagógico das unidades escolares o atendimento às necessidades educacionais especiais de seus alunos, por meio de estratégias como o oferecimento de cursos de formação em serviço aos professores em exercício e a articulação entre o ensino regular e o atendimento educacional especializado complementar ofertado em salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em outras instituições.²⁰

No entanto, a mera existência de leis e/ou declarações não é capaz de reverter as representações e práticas arraigadas de segregação entre pessoas com e sem deficiência. Para que se efetive a inclusão de um aluno com necessidades educacionais especiais numa classe regular comum, há necessidade de serem criados mecanismos que permitam que este aluno se integre social, educacional e emocionalmente com seus colegas e professores e com os objetos do conhecimento e da cultura. Dessa forma, a inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas que é a escola que deve se adequar às condições e à disposição do aluno.²¹

A inclusão real significa não apenas matricular o aluno na escola regular de ensino e manter a sua permanência, mas reorganizar a lógica do sistema educacional, a proposta pedagógica e a organização curricular da escola, de maneira a garantir o desenvolvimento cognitivo, cultural e social efetivo desses alunos, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades.^{1, 10, 22} Neste sentido, a mudança efetiva de paradigma só será concretizada por meio da combinação das leis com ações efetivas de promoção de inclusão.²³

Os professores investigados revelaram utilizar diálogos frequentes com seus alunos para fomentar a participação conjunta e o relacionamento interpessoal saudável entre alunos com e sem deficiência nas aulas de Educação Física. De fato, a inclusão de crianças com deficiência na escola pode ser potencializada pelas práticas das aulas de Educação Física, visto que essa disciplina pode ser benéfica tanto para as crianças com deficiência quanto para aquelas que não têm, pois possibilita o desenvolvimento de valores como respeito aos limites individuais, carinho e amizade.¹³

Para ser bem sucedida, a Educação Física escolar, que é uma prática pedagógica que sintetiza e tematiza representações do mundo histórico e social de manifestações da cultura humana⁴ (tais como jogos, esportes, ginásticas, lutas e danças), deve considerar e respeitar o conhecimento prévio dos alunos, bem como compreender suas necessidades e potencialidades de antes da seleção dos conteúdos a serem desenvolvidos.²⁴ A Educação Física Escolar tem o papel de integrar o aluno à cultura corporal de movimento. Uma vez apropriados desses novos conhecimentos, espera-se que os alunos se tornem cidadãos mais flexíveis, e não instrumentos de exclusão e de discriminações.²⁵

A literatura consultada indica a presença de algumas investigações sobre o processo de inclusão de alunos com deficiência em aula de Educação Física escolar. Em estudo com objetivo de investigar os significados da inclusão de pessoas com necessidades especiais nas aulas de Educação Física no sistema regular de ensino,¹¹ foram analisados 67 assistentes técnicos pedagógicos de Educação Física de Diretorias de Ensino do Estado de São Paulo. Os resultados apontaram que cerca de 97% dos participantes não possuíam conhecimentos suficientes para incluir alunos portadores de necessidades especiais nas aulas de Educação Física, e que aproximadamente 97% acreditavam que a participação do aluno com deficiência em aulas de Educação Física poderia auxiliar em sua inclusão na comunidade escolar. Uma das principais conclusões do estudo revela que, para se efetivar a inclusão de alunos com deficiência no contexto escolar, os professores necessitam de: apoio do governo (no que se refere a oferecimento de cursos de formação continuada); auxílio técnico pedagógico especializado; espaço físico adaptado; material didático adequado.

Outro estudo¹⁷ investigou as atitudes inclusivas de 53 docentes de Educação Física em escolas públicas do Distrito do Porto (Portugal), e a conclusão foi de que os professores mostraram atitudes positivas perante a inclusão. Ademais, foram elencados alguns aspectos importantes para que o processo inclusivo seja implementado com efetividade. O primeiro evidenciou a necessidade de se investir na formação específica dos docentes, no apoio multidisciplinar, na diferenciação curricular, nas infraestruturas e na participação ativa de toda a comunidade educativa. Além disso, reconheceu-se que o apoio do governo é indispensável para a melhoria da qualificação dos profissionais

envolvidos e para o fornecimento dos recursos materiais essenciais às escolas. Especificamente com relação à Educação Física, apontou-se a necessidade de reestruturação curricular, adotando caráter menos competitivo e mais flexível e solidário.

Ao investigar a produção científica a respeito da inclusão e das contribuições da Educação Física como disciplina comprometida socialmente, um estudo¹⁶ concluiu que é fundamental compreender que o principal responsável pela qualidade da promoção do processo de inclusão é o esforço coletivo de reflexão, com base no qual se pode propor e apoiar ideias inclusivas e colocar as mesmas em prática. Neste sentido, a Educação Física muito tem a contribuir neste processo por intermédio de suas práticas, rompendo as barreiras do preconceito, promovendo a integração e oportunizando o acesso à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer e à atividade física.

É importante ressaltar que não existe nenhum método “ideal” de Educação Física que se aplique no processo de inclusão, pois o professor pode combinar numerosos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos. O programa de Educação Física, quando bem adaptado ao aluno com deficiência, possibilita a esse aluno a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na busca de melhor adaptação.¹⁹

Assim, o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esportes, ginástica, danças, jogos, fundamentos e técnicas, mas inclui também os seus valores e atitudes subjacentes.²⁶ Nesse viés, a Educação Física escolar torna-se um campo fértil de possibilidades pedagógicas, pois permite a participação de crianças e jovens em atividades adequadas às suas possibilidades, proporcionando que sejam valorizadas e que se integrem ao ambiente multicultural.^{19, 27-28}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender as percepções dos professores de Educação Física investigados acerca da inclusão de alunos com deficiência na sociedade e no sistema regular de ensino, bem como conhecer as estratégias didáticas utilizadas para promover

a participação e o relacionamento interpessoal desses alunos com seus colegas sem deficiência.

Referente ao processo de inclusão de pessoas/alunos com deficiência na sociedade e no sistema regular de ensino, os professores investigados destacaram que as iniciativas inclusivas vêm crescendo nos últimos anos e tanto a sociedade como a escola têm refletido atitudes positivas em relação à inclusão. Os docentes reconheceram a importância da criação de políticas públicas cada vez mais efetivas, bem como apontaram a necessidade do auxílio de profissionais de outras áreas (principalmente psicólogos) e a construção de salas multimeios para acelerar este processo (que em sua visão, ainda ocorre de maneira muito lenta). Além disso, uma das necessidades apontadas pelos professores se referiu à promoção mais frequente de atividades de formação continuada subsidiadas pelo governo, de maneira a promover atualização constante dos conhecimentos profissionais para atuação com alunos com deficiência.

No que diz respeito às estratégias didáticas utilizadas para promover a participação de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, bem como para estimular o relacionamento interpessoal de todos os alunos das turmas, os professores entrevistados revelaram utilizar muita conversa, buscando entendimento e conscientização de todos os alunos para que as aulas ocorram da melhor maneira possível. Sempre que necessário, os docentes propõem algumas adaptações nas atividades, com o intuito de que todos consigam participar, se relacionar e aprender de alguma maneira.

Em síntese, conclui-se que a inclusão efetiva nas aulas de Educação Física exige o rompimento com o tratamento tradicional dos conteúdos, que favorece os alunos que já têm aptidões. Assim, é fundamental que se adote o princípio da inclusão como eixo estrutural da ação pedagógica, apontando para uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busque o desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da participação social e da afirmação de valores e princípios democráticos. Nesse sentido, deve-se buscar garantir a todos a possibilidade de usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginástica, sempre em benefício do exercício crítico da cidadania.²⁹⁻³⁰

No intuito de aprofundar a compreensão a respeito de como o processo de inclusão vem ocorrendo em aulas de Educação Física escolar na percepção de docentes desta

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 4, p. 1-21, out./dez. 2015.
ISSN: 1983-9030.

disciplina, acredita-se que seja necessária a realização de estudos com mais professores que estejam em diferentes etapas de sua carreira profissional, atuando em diferentes níveis de ensino, tanto em instituições públicas quanto privadas. Além disso, seria muito importante realizar estudos que explorassem a trajetória de formação e a experiência profissional desses indivíduos, no intuito de compreender com maior propriedade como suas percepções se alteram de acordo com esses indicadores.

REFERÊNCIAS

¹VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma concepção possível**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

²DANELUZ, M. Escola e família: duas realidades, um mesmo objetivo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1., SEMANA DA PEDAGOGIA, 20., 2008, Cascavel. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2008.

Disponível em:

<<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2011.pdf>>.

Acesso em: 10 set. 2013.

³NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

⁴SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

⁵KUNZ, E. Práticas didáticas para um “conhecimento de si” de crianças e jovens na Educação Física. In: _____. (Org.). **Didática da educação física 2**. 3. ed. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2005. p. 15-52.

⁶COSTA, F. F.; GARCIA, L. M. T.; NAHAS, M. V. A Educação Física no Brasil em transição: perspectivas para a promoção da atividade física. **Revista Brasileira Atividade Física & Saúde**, Pelotas, v. 17, n. 1, p.14-21, fev. 2012.

⁷SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

⁸GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

⁹BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

¹⁰GOMES, N. L. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 48.

¹¹AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v. 11, n. 2, p. 223-240, 2005.

¹²SEABRA JUNIOR, L. et al. Educação física escolar e inclusão: de que estamos falando. **Lecturas, Educación Física y Deportes: revista digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 73, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd73/inclusao.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

¹³KRUG, H. N. A inclusão de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais na educação física escolar. **Educação Especial**, Santa Maria, n. 19, 2002. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2002/01/a3.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

¹⁴MANTOAN, M. T. E **Todas as crianças são bem-vindas à escola!** Campinas: FE/UNICAMP, 1997. (Apostila).

¹⁵SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

¹⁶MAZINI FILHO, M. L. et al. A importância das aulas inclusivas de educação física para os portadores de deficiência. **Lecturas, Educación Física y Deportes: revista digital**, Buenos Aires, ano 14, n. 139, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd139/aulas-inclusivas-de-educacao-fisica.htm>>.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 4, p. 1-21, out./dez. 2015. ISSN: 1983-9030.

Acesso em: 04 fev. 2014.

¹⁷MARTINS, C. L. R. Educação física inclusiva: atitudes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 637-657, abr./jun. 2014.

¹⁸ARANHA, M. S. F. (Org.). **Educação inclusiva: a escola**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial, 2004.

¹⁹CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. **Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem para professores de 1º e 2º graus**. Uberlândia: Gráfica Breda, 1997.

²⁰BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto de Lei do Plano Nacional de Educação (PNE 2011/2020)**. Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011, e dá outras providências. Projeto em tramitação. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pne_projeto_lei1.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2014.

²¹CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

²²MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G.; ARANTES, V. A. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

²³BORGMANN, M. E. **Educação especial**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2010.

²⁴PICCOLO, V. L. N. **A Educação Física nas séries da fase inicial do ensino fundamental: olhar do professor polivalente**. 2009. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/6783/4869>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

²⁵DARIDO, S. C. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 101-114, dez. 2006.

²⁶DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

²⁷RODRIGUES, D. A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003.

²⁸CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. Educação física e inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola. **Integração**, v. 14, p. 27-30, 2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/17304569/Educacao-Fisica-Adaptada>>. Acesso em: 4 abr. 2014.

²⁹GREGUOL, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2. ed. Barueri: Manole, 2008.

³⁰BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, 1998. 114 p.

Recebido em: 22 abr. 2015

Aceito em: 16 dez. 2015

Contato: williamdnsalles@gmail.com